

CEAO: NOVA DIRETORIA

Em sessão presidida pelo Magnífico Reitor da UFBA., Dr. Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa, foi empossada, no dia 28 de abril de 1981, a nova diretoria do Centro de Estudos Afro-Orientais.

A nova diretora, Yêda A. Pessoa de Castro, Doutora de Estado pela Universidade Nacional do Zaire, possui grande experiência no campo dos estudos africanos, tendo vivido mais de sete anos na África, nas universidades nigerianas de Ifé e Ibadan. Visitou também o Senegal, Gana, República do Benin e África do Sul.

O vice-diretor empossado, Climério Joaquim Ferreira, tem se dedicado intensamente às pesquisas sobre religiões afro-brasileiras. É autor da monografia "Uma festa pública de candomblé: os orixás", de grande divulgação. É ogã de um dos mais tradicionais terreiros da Bahia, o Alaketo e vice-presidente da Sociedade Beneficente S. Jerônimo, do Ilê Maroialaje.

REITOR VISITA PAÍSES DA ÁFRICA

Em missão oficial do Ministério das Relações Exteriores, Ministério de Educação e Cultura, contando com a colaboração do CNPq, o Reitor da UFBA., Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa, acompanhado da Diretora do CEAO, Yêda A. Pessoa de Castro e dos Professores Edvaldo Brito e Silvio Bandeira de Melo, seguiu para África, no dia 16 de maio de 1982. A visita, além de caráter oficial, também fez parte do "Programa de Cooperação Cultural entre o Brasil e Países Africanos e para o desenvolvimento dos Estudos Afro-Brasileiros" assinado em 1974 pelos referidos ministérios, pelo Governo do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia e Prefeitura de Salvador.

Na Nigéria, o prof. Macedo Costa conheceu as Universidades de Lagos, Ibadan e Ifé, sendo que nesta última, com a qual assinou convênio, está o mais antigo curso de Português e Literatura Brasileira da Nigéria, implantado pelo CEAO, em 1969.

Visitou também as universidades de Benin, no Togo e da Costa do Marfim, renovando os convênios já existentes com a UFBA., desde 1976, pelo Prof. Guilherme de Souza Castro.

Na Universidade de Dakar, no Senegal, que foi a primeira da África a oferecer um Curso de Português, também implantado pelo CEAO em 1961, o Reitor proferiu conferência e foi recebido pelo ex-presidente Léopold Senghor, pelo presidente e secretário-geral da Fundação Léopold Senghor e por diversas autoridades senegalesas.

SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS: 150 anos

A Sociedade Protetora dos Desvalidos comemorou seu sesquicentenário de fundação no dia 19 de setembro de 1982. As atividades tiveram como ponto alto uma missa em ação de graças a Nossa Senhora do Amparo, realizada pelo Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela.

A sociedade, criada por alguns negros em 1832, tinha como objetivo a compra de cartas de alforria e o patrocínio do retorno de negros libertos, para a África.

FALECIMENTOS

14.05.83. — CLARIVAL DO PRADO VALADARES, crítico de arte, professor da UFBA., colaborador de *Afro-Ásia* e autor do livro "Origin, revelation and death of a primitive sculptor" publicado pelo CEAO em 1963, Série Estudos, nº2 e cuja tradução publicamos neste número.

10.05.82. — RAFAEL ALVES FRANÇA, Mestre Cobrinha Verde, discípulo de Besouro, autor de "Capoeira e Mandinga". Também um colaborador do CEAO a quem prestou valioso auxílio junto a pesquisadores africanos de medicina popular, assunto em que também era mestre.

CURSOS E SEMINÁRIOS

Encontro de Nações de Candomblé, ministrado por personalidades dos cultos afro-baianos. Quicongo (Tata Raimundo Pires) e Iorubá (P. Taiwo Ijaola). Escultura Religiosa Iorubá (Lamide Fakeye - UNIFE).

Introdução aos Estudos da História e das Culturas Africanas - estes com o patrocínio e a colaboração da Fundação Ford. Arte Tradicional Africana (Babatunde Lawal - UNIFE). Seminários de Artes-Cênicas - Por um teatro negro brasileiro. Curso de Japonês (patrocínio do Consulado Geral do Japão em Recife).

Em março de 1981 o estudante do CEAO Aloísio Santana Santos foi um dos 3 estudantes brasileiros selecionados pelo Consulado para uma viagem ao Japão.

Reproduzimos, em seguida, as impressões de viagem de Aloísio que atualmente é monitor do curso de japonês do CEAO:

PEQUENAS IMPRESSÕES SOBRE O JAPÃO

Aloisio Santana Santos

“Antes de chegar ao Japão, embora estivesse preparado psicologicamente para enfrentar uma nova civilização, não podia imaginar a intensidade das muitas surpresas que estavam a esperar-me. A primeira delas aconteceu logo quando da chegada: em contato com o povo e notando nas pessoas a descontração com que conversavam com os ocidentais e até principalmente para com eles mesmos, notando também por parte deles o fervor e o carinho com que nos tratavam, acabei afastando a idéia de ser eles um povo fechado, frio, como antes julgava ser.

Outra grande surpresa aconteceu quando, ao visitar os Santuários e Templos, pude observar que grupos escolares organizados em comitivas especiais, liderados por Professores e Pais, faziam lá no interior desses templos e santuários suas aulas práticas sobre cultura japonesa, com os professores tendo o trabalho minucioso de explicar, detalhe por detalhe, não só da história do monumento, quanto de suas origens e decifrações de suas inscrições nas diversas colunas ou paredes. Os estudantes (1º e 2º graus), uniformemente vestidos, portavam todos em suas pastas, uma pequena lancheira, na qual, na hora da refeição faziam uso dela. Vale-se ressaltar que no Japão, o horário das aulas de 1º e 2º graus é de 9 da manhã até 3 da tarde. Nesse caso, residiu a surpresa no fato de, comparando com nosso sistema educacional, no 1º e 2º grau, quando das aulas sobre história da Bahia, nossas aulas não se passavam no campo (igrejas, museus, ladeiras e ruas históricas, etc), mas somente nas 4 paredes da sala de aula.

Nas ruas, pude observar poucas pessoas vestidas de roupas típicas (especialmente o Kimono), mas foi-me detalhadamente explicado que, com o uso de roupas ocidentais, havia uma certa facilidade nos movimentos de um modo geral, especialmente no de locomoção, coisa um pouco difícil de se conseguir satisfatoriamente com as roupas típicas japonesas no dia-a-dia do trabalho. Das poucas pessoas que ví vestidas de Kimono, observei que maioria delas eram pessoas idosas, e que estavam a passear nos parques, jardins, com os netos, e que em geral, essas pessoas não mais estavam trabalhando, e sim tratavam-se de pessoas aposentadas.

Os rapazes, enquanto na escola (1º e 2º graus) são em seus costumes japoneses por excelência; mas em geral, à noite, quando em grupos vão aos cinemas, boites, discotecas, restaurantes, shopping-centers, etc.,

comportam-se como ocidentais, onde em geral não bebem o Sake, e sim a Vodka, Whisky, Campari, ouvem Rock e Jazz, dançam e vestem-se de jeans à maneira americana. Contudo, após obterem casamento, voltam-se completamente para a cultura japonesa, passando a ouvir suas próprias músicas, frequentando teatros típicos (tipo o Kabuki), visitando templos e santuários com a família aos sábados e domingos, bebem muito chá e Sake.

Por sorte minha, fui depois morar em um suburbio afastado de Tókyo, aproximadamente 90 minutos de Denska (trem elétrico), e lá, morando com uma família japonesa, pude melhor estudar os costumes familiares daquele povo. De impacto inicial está no fato de, logo na entrada da casa (Genkan), devemos tirar os sapatos, calçando em troca um par de chinelos macios. Já dentro da casa, pode-se observar que suas divisões não são de tijolo e cimento, e sim de madeira (aliás, maioria das residências comuns do japão são construídas de madeira e papel). Nota-se também a ausência de mobílias comuns como grandes mesas, cadeiras, etc. Em lugar das cadeiras, há as almofadas, e a mesa é bem baixinha e pequena. Faz-se as refeições sentado à maneira "Yoga" e em geral não se usa talheres ocidentais, e sim os palitinhos (chamados de Hashi). É bom lembrar que praticamente não é servido cafezinho nas refeições, e ao invés disso, o chá. Em geral, enquanto os pais estão em um compartimento à noite a assistir televisão, os filhos estão em seus quartos a estudar. Por tradição, a criança não precisa ser ralhada quanto ao dever de estudar. Elas adquirem logo cedo essa conscientização e em geral não dão trabalho aos pais quanto à essa parte educacional. Quando elas deparam com alguma dúvida enquanto estudam, vão até a sala, consultam os pais, e voltam a estudar em seus quartos. O banheiro não é conjugado com o sanitário, sendo por conseguinte, nesse caso, o sistema de vaso sanitário diferente do ocidental, causando embaraço nos visitantes ocidentais quanto ao seu uso adequado. No banheiro não há banhos de chuveiros e sim "Ofuro" — banhos típicos — que consistem, comparativamente, a banho de banheira de água quente (ou morna).

De Tókyo fui até Kyoto, cidade bem antiga, e lá pude notar que o sotaque do povo de lá diferia um pouco do de Tokyo. Essa cidade fica distante aproximadamente 600Km da capital. O templo mais visitado, não só pelo povo local quanto pelos turistas é o Ginkaku-Ji, e lá também as escolas fazem suas aulas práticas. À noite, Kyoto é tão movimentada quanto Tókyo, onde os jovens também procuram as boites, discotecas, etc. Em contraste, podia-se também notar que os teatros estavam também cheios, e muitos deles apresentando peças típicas, quanto o Kabuki, concerto de Koto, onde pode-se daí concluir que o povo japonês, além de continuar prestigiando suas tradições sócio-culturais, não estão alheios à cultura ocidental.

De Kyoto fui até Nara, cidade mais antiga do Japão (aliás sua primeira capital). Lá visitei muitos museus, templos (o principal deles é o Todai-ji), e pude observar que muitas de suas estreitas ruas-laterais faziam lembrar ligeiramente a cidade do Salvador. Nessa cidade, afastada a apenas 40 minutos de ônibus de Kyoto, reside um imenso acervo cultural, não só de templos quanto de museus, que é parada obrigatória de qualquer turista que um dia vá ao Japão.

Quanto a Tókyo, torna-se quase desnecessário falar sobre sua cidade em si: há muitos viadutos duplos (superpostos), cidades subterrâneas, na qual pode-se encontrar todo tipo de comércio (supermercados, restaurantes, boutiques, livrarias, bancas de jornais, discotecas, etc.), e também serve para que o pedestre, ao descer do trem na estação, não precise ir ao centro comprar tudo que necessite, podendo fazê-lo nessas cidades especiais.

Fui também até ao Museu Nacional no Parque de Ueno, e de lá pude assistir no Museu Ocidental uma Exposição de Matisse, pintor do Fauvismo.

Por fim, visitei também o “Roku-jú Kai” (edifício de 60 andares) em Ikebukuro, onde nesse prédio, além de possuir lojas, boutiques, restaurantes, cinemas, casas-de-disco, também possui um imenso aquário, com peixes de quase todas as partes do mundo, inclusive alguns espécimes levados daqui do Brasil, do Rio Amazonas.

Foi-me muito proveitosa essa temporada no Japão, onde além de tomar conhecimento de uma nova cultura, novos costumes, novos povos, e também de poder ter convivido com eles no seio familiar, pude também sobretudo aprimorar ainda mais meus conhecimentos no idioma, onde todos procuravam ajudar-me, não só a escrever mais corretamente, quanto principalmente à forma gramatical. Enfim, é um povo bem educado, alegre, consciente de suas limitações (evitam a superpopulação, onde se vê poucos filhos em cada família — no máximo três —), gentil, politizados, corajosos. Só deixou-me boa impressão, inclusive também a cidade, onde o fantasma da alta poluição que tanto temia, pude observar que está bem controlada por moderníssimas técnicas e rigorosas leis”.